



UNISO

CIÊNCIA



CONHECIMENTO A SERVIÇO DA COMUNIDADE • EDIÇÃO N° 09 • ISSN: 2595-0916 • 27/10/2019

PESQUISA ANALISA O USO DE MEDICAMENTOS PARA DORMIR

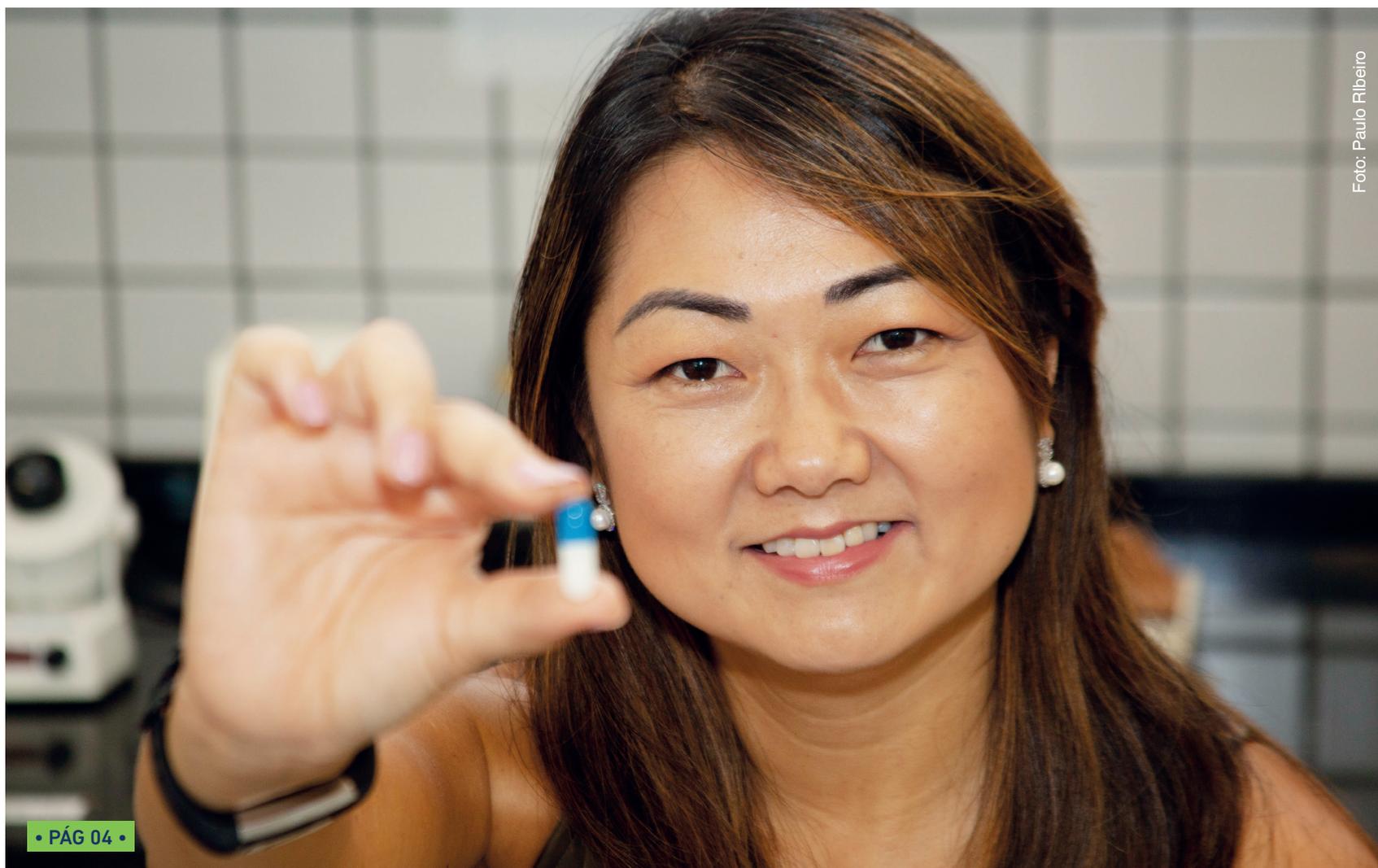


Foto: Paulo Ribeiro

• PÁG 04 •

**A FLORESTA TAMBÉM É
LUGAR DE APRENDER**

• PÁG 02 •

**HORMÔNIOS NA SUA ÁGUA POTÁVEL
E COMO REMOVÊ-LOS**

• PÁG 06 •

**PESQUISA INVESTIGA RELAÇÃO ENTRE
PERSONAGEM E JOGADOR EM JOGOS NARRATIVOS**

• PÁG 08 •

EDITORIAL

Uma pesquisa realizada na Uniso se debruçou sobre a frequência do uso de medicamentos para dormir no Brasil e trouxe dados importantes para a compreensão desse que já é considerado um problema de saúde pública preocupante, conforme mostram os resultados do estudo.

A reportagem mostra que as mulheres utilizam esse tipo de medicamento com mais frequência e que há uma prevalência entre pessoas idosas, dentre outros resultados.

Esse tema foi escolhido pelos leitores do Uniso Ciência para esta 9ª edição, por meio de uma votação online.

Também faz parte desta edição uma reportagem sobre o potencial educativo da Floresta Nacional de Ipanema, a Flona, como espaço a ser explorado por professores e alunos.

O leitor também poderá conferir um sistema, proposto a partir de outra pesquisa, à base de carvão ativado de casca de coco, para filtragem dos hormônios que podem estar presentes na água consumida pela população.

Por fim, é abordada a relação entre jogador e personagem nos jogos de RPG, em sua modalidade conhecida como larp ou jogo de desempenho de papéis ao vivo. **Desejamos a todos uma ótima leitura!**

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta
Reitor

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol
**Pró-Reitor de Graduação
e Assuntos Estudantis**

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior
**Pró-Reitor de Pós-Graduação,
Pesquisa, Extensão e Inovação**

EXPEDIENTE

Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.

Reitoria: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Reitor), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis) e Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação).

Coordenação: Assessoria de Comunicação Social (Assecoms) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

Equipe: Prof. Me. Guilherme Profeta e Prof. Me. Marcel Stefano Tavares Marques da Silva (Reportagens), Daniele da Silva Coimbra (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

Conselho Editorial: Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Profa. Dra. Denise Lemos Gomes, Prof. Me. Edgar Robles Tardelli, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Penteadado de Freitas.

Informações: ciencia@uniso.br
(15) 2101.7006/7081 | uniso.br

A FLORESTA TAMBÉM É LUGAR DE APRENDER



A pesquisadora Adriana Teixeira de Lima apresenta propostas educativas para execução na Flona

Pense numa floresta enorme, com uma biodiversidade incrível, onde vivem mais de 500 espécies de animais e milhões de árvores e plantas dos mais variados tipos e cores. Rios, riachos, lagoa e cachoeira completam a paisagem. Como se não bastasse toda a sua beleza natural, esta floresta ainda guarda uma riquíssima história, com diversos sítios arqueológicos preservados. Agora imagine que esta floresta está bem pertinho de nós. Mais precisamente em Iperó. Estamos falando, é claro, da Floresta Nacional de Ipanema, um local que praticamente todos que vivem na Região Metropolitana de Sorocaba já ouviram falar. Mas que poucos já foram visitar.

“Adentrar a Floresta de Ipanema é ter acesso à história escrita e às lendas, à beleza arquitetônica das construções históricas e suas ruínas... É observar a exuberância da natureza conservada e algumas experiências institucionais fracassadas, é analisar os aspectos sociais e culturais existentes desde a sua criação. É imaginar toda pujança tecnológica de uma época próspera e deparar-se com imóveis vazios, ruindo; ecos do passado que se entrelaçam com o presente e tentam resistir ao futuro”, conta Adriana Teixeira de Lima, professora, pesquisadora, economista, artista e terapeuta, entre muitos outros rótulos que ela dispensa. “Hoje me sinto guardiã da floresta”, define.

Lima conheceu a Floresta Nacional de Ipanema em 2009, quando levou seus alunos do ensino fundamental da rede pública de Araçoiaba da Serra para visitar o local. “Fiquei impactada pela exuberância do lugar, pelo potencial histórico-cultural por mim desconhecido até então. E não conseguia entender por que esta floresta era - e ainda é - desconhecida e esquecida na educação escolar”, relata.

Dez anos depois, esta indagação foi respondida pela própria professora em sua tese de doutorado em Educação pela Universidade de Sorocaba (Uniso). A pesquisa, intitulada “Cartografias na

Floresta Nacional de Ipanema: educação, ecologias e arte”, teve como orientadora a professora doutora Alda Regina Tognini Romaguera.

“No meu trabalho, procuro refletir sobre os motivos pelos quais esse espaço não é visitado pelos professores e estudantes no cotidiano de projetos escolares. E, a partir da composição de um pensamento reflexivo e da minha experiência com a floresta, a tese propõe a reversão dessa circunstância”, explica.

GIGANTESCA SALA DE AULA A CÉU ABERTO

Estudar a Floresta Nacional de Ipanema não é apenas estudar o meio-ambiente ou a história da região de Sorocaba e do Brasil. Segundo Lima, há múltiplas perspectivas técnicas, educativas e artísticas a serem exploradas por professores e alunos no local. Para ela, a floresta é uma “escola-museu-a-céu-aberto”, que possibilita uma perspectiva inovadora para a prática pedagógica.

“Mas, para essa perspectiva se concretizar, é preciso reverter a invisibilidade da floresta e isso passa por uma revisão das práticas docentes. Os professores precisam valorizar as experiências educativas fora do âmbito escolar. Na minha tese, trabalho a ideia do ensino *outdoor* (fora da sala de aula) como alternativa para uma nova prática de ensino, que envolva os estudantes em experiências reais, que traga desafios, dificuldades, o inesperado, o inusitado, que instigue os estudantes à superação dos seus limites, que incentive a criatividade, a imaginação, a inventividade e, principalmente, a resolução de problemas. E a Floresta Nacional de Ipanema é um ótimo espaço para isso”, afirma.

Para tirar a Floresta de Ipanema da “invisibilidade”, Lima apresenta em sua tese algumas propostas, como a “Trilha Pedagógica”, elaborada como roteiro para auxiliar professores e estudantes na execução de projetos na área da educação. “Os aspectos socioambientais contidos na Floresta de Ipanema são significativos para se trabalhar dentro e fora da sala de aula”, diz.

Lima também apresenta a “Trilha Artística”, fruto da sua experiência com a floresta, onde desenvolveu, ao longo da última década, produções

culturais conectando as áreas da educação, ecologias e arte. A partir dessa experiência a pesquisadora propôs “A Poética em uma Trilha”, que inaugura composições autorais com técnicas mistas, e que foram catalogados na própria pesquisa, pois visa mostrar a Flona por imagens. Além desses, a autora convida o público a estreitar a “Trilha Criativa”, com proposições terapêuticas, e finaliza o estudo com as contribuições da Associação FlanAr. A Associação FlanAr arte e meio ambiente desenvolve projetos para disseminar o conhecimento para o público em geral, e não só o acadêmico, assessora as pessoas sobre as questões relacionadas ao meio ambiente, além de colaborar com a gestão da Unidade de Conservação Ambiental, integrando o Conselho Consultivo.

“É preciso entender esse espaço como promotor de diversas atividades e usos. Por isso, desafio os professores a iniciar a reconfiguração do seu cotidiano escolar, com novas práticas. Desafio que tenham a coragem para se deslocar das cidades da Região Metropolitana de Sorocaba até a Floresta Nacional de Ipanema para uma aula inesquecível, tanto para os docentes como para os alunos”, clama Lima.

Ao final da tese, a pesquisadora garante que toda proposta de reestruturação didático-pedagógica e imagética, contida em seu estudo, será organizada por ela, como roteiros, postais ou catálogos de imagens, sites ou aplicativos, que poderão ser distribuídos ou utilizados pelas Secretarias de Educação, Cultura, Turismo e Meio Ambiente dos municípios da Região Metropolitana de Sorocaba e pelo público em geral.

Texto elaborado com base na tese “Cartografias na Floresta Nacional de Ipanema: educação, ecologias e arte”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação da professora doutora Alda Regina Tognini Romaguera e aprovada em 18 de fevereiro de 2019. **Acesse a pesquisa:**



USO DE MEDICAMENTOS PARA DORMIR É UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA, DIZ PESQUISADORA



Kátia Kodaira realizou o estudo no Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas

Em janeiro de 1964, o jovem Randy Gardner, de 17 anos, decidiu fazer um experimento científico para a escola onde estudava, na Califórnia. A ideia era ver quanto tempo conseguia ficar sem dormir e quais os efeitos da falta de sono para o seu corpo. Com muita força de vontade e ajuda dos amigos, Gardner conseguiu ficar mais de 264 horas acordado (foram 11 dias e 25 minutos exatamente).

Com o feito, Gardner entrou para o *Guinness Book*, mas sofreu e enfrentou muitas dificuldades ao longo da jornada para se tornar o ser humano que mais tempo ficou acordado. Logo nos primeiros dias do experimento, o estudante começou a sofrer problemas cognitivos e dificuldades para identificar objetos pelo tato. Em seguida, passou a ter depressão, falta de coordenação, dificuldade de concentração, problemas com a memória de curto prazo, paranoia e alucinações. Mas, além de registrar seu nome no *Guinness*, Gardner ajudou a ciência a entender melhor a importância do sono.

No Brasil, mais precisamente em Sorocaba, a pesquisadora Kátia Kodaira também decidiu estudar o tema. Dedicada, ela perdeu algumas noites de sono para levantar dados, analisá-los e escrever três artigos e trabalhos em congressos que, posteriormente, foram ampliados com referenciais teóricos e reunidos em sua dissertação de mestrado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Sorocaba (Uniso), apresentada em fevereiro de 2017 e orientada pelo professor doutor Marcus Tolentino Silva. “O objetivo da pesquisa foi investigar a frequência do uso de medicamentos para dormir no Brasil e os possíveis fatores associados (sociais, demográficos, estilo de vida e doenças crônicas). Os resultados apontaram maior frequência de uso entre mulheres, idosos e pessoas das etnias branca e amarela, com ensino até o fundamental, fumantes e com sintomas depressivos”, resume Kodaira.

O SONO E SEUS DISTÚRBIOS

O sono é uma condição natural do organismo e exerce função essencial no dia a dia de um

indivíduo. “É caracterizado como um processo biológico complexo, transitório e reversível, que se alterna com períodos de vigília e é primordial para a recuperação física e psicológica do ser humano”, explica a pesquisadora.

Segundo Kodaira, perder o “sono saudável” compromete a saúde e o organismo sob diversos aspectos, além de desencadear consequências negativas na vida social, ocupacional ou na aprendizagem, onde o psicológico é afetado.

Kodaira destaca vários tipos de distúrbios do sono, mas aponta que o mais comum é a insônia, que atinge cerca de um terço da população mundial em algum momento da vida. “No Brasil, protocolos ou diretrizes específicos desenvolvidos para o tratamento de distúrbios do sono e a insônia são escassos, e ainda estão ausentes dos protocolos clínicos do Ministério da Saúde”, afirma.

O tratamento dos distúrbios do sono, segundo a pesquisadora, depende dos aspectos de cada um dos sintomas que surgem durante a evolução do transtorno. A terapia visa como objetivos à melhora na qualidade e na quantidade do sono, à diminuição de sintomas diurnos e ao favorecimento da qualidade de vida.

“Apesar da grande disponibilidade de diferentes classes farmacológicas empregadas no manejo dos distúrbios do sono, a maioria, senão todos, são substâncias que causam dependência e diversas complicações para o indivíduo. O paciente deve ser acompanhado com reavaliações frequentes, para verificar a efetividade do tratamento e possíveis efeitos adversos indesejáveis”, explica Kodaira.

Ela ressalta que, no Brasil, as informações sobre uso de medicamentos para dormir ainda são escassas. “A sua relação com os distúrbios do sono, doenças crônicas e psiquiátricas, por exemplo, são temas pouco explorados”, diz.

NO BRASIL

Em 2013, o Governo Federal realizou a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), um estudo de base domiciliar aplicado em todo o Brasil em parceria com o IBGE. Kodaira analisou os dados que se referem ao sono e constatou que a prevalência do

uso de medicamentos para dormir foi de 7,6%. O tempo médio de duração do tratamento foi em torno de 9,75 dias.

Um total de 11,2% dos que usaram medicamentos para dormir admitiram que o fizeram sem orientação médica. A análise multivariada mostrou fatores estatisticamente significativos associados ao uso de medicamentos para dormir entre mulheres (duas vezes mais que os homens), pessoas com faixa etária acima dos 60 anos (cinco vezes mais que os jovens adultos entre 18 a 24 anos), em etnias branca e parda, fumantes (47% a mais que os não fumantes) e com sintomas depressivos graves e muito graves.

“Os resultados mostram que o uso de medicamentos para dormir no Brasil é um problema de saúde pública preocupante. Ressalta-se a ausência de informações quanto à classe farmacológica e aos critérios adotados no emprego destes medicamentos, além da falta de orientação de profissional capacitado sobre os possíveis eventos adversos. Sendo assim, são necessários ações e programas voltados à conscientização da população sobre os riscos relativos ao consumo e ao planejamento de intervenções que visem ao uso racional desses medicamentos. Os distúrbios do sono e seus fatores associados também deveriam ser introduzidos aos inquéritos de saúde, uma vez que problemas relacionados ao sono são temas amplamente estudados em outros países e têm significativo impacto na qualidade de vida da população”, conclui a pesquisadora.

Texto elaborado com base na dissertação “Uso de medicamentos para dormir no Brasil”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação do professor doutor Marcus Tolentino Silva e aprovada em 3 de fevereiro de 2017.

Accesse a pesquisa:



HORMÔNIOS NA SUA ÁGUA POTÁVEL

E COMO REMOVÊ-LOS

REPORTAGEM: Guilherme Profeta

FOTO: Paulo Ribeiro

Você já parou para pensar sobre o que acontece depois que você vai ao banheiro? Se você tiver o privilégio de habitar uma região com tratamento adequado de esgoto, depois que você dá a descarga a água e os dejetos (para usar uma palavra menos indigesta) seguem por tubulações até chegar às estações de tratamento. O objetivo dessas estações é garantir que os efluentes sejam devolvidos ao ambiente da forma mais limpa possível, para que a água possa, inclusive, ser consumida novamente. Nesse processo todo, a concentração populacional é um grande problema, pois nas cidades há centenas — ou milhares, ou até mesmo milhões, dependendo de onde você more — de pessoas dando a descarga ao mesmo tempo. É muito material para tratar de uma vez só e vale lembrar que os sistemas de tratamento simplesmente não estão adequados para filtrar todos os poluentes que existem.

Fato curioso: a água de esgoto da cidade de Amsterdã, por exemplo, é, em toda a Europa, a que mais contém resíduos da droga recreativa conhecida como ecstasy — o que pode estar associado aos hábitos de consumo de drogas na capital holandesa (os dados, divulgados pelo jornal holandês *NL Times*, são de uma pesquisa desenvolvida pelo Observatório Europeu da Droga e da Toxicod dependência, cujos resultados foram publicados em março de 2018). Mas as drogas, lícitas ou não, não são as únicas substâncias que, depois de serem processadas pelo metabolismo humano (ou animal), podem ser encontradas na água de esgoto. A mesma coisa acontece com os hormônios, sejam eles naturais ou sintéticos. E é agora que vem a parte assustadora: às vezes, se não houver a filtragem adequada dessa água



A pesquisadora Márcia Regina T. Bovo propôs um sistema de adsorção com carvão ativado

residual, essas substâncias podem passar pelos sistemas de tratamento tradicionais, retornando à população por meio da água que as pessoas chamam de potável, ou seja, aquela que você bebe.

“Muitos desses compostos se enquadram no grupo dos desreguladores endócrinos, substâncias que alteram o sistema hormonal e causam efeitos adversos à saúde”, diz a pesquisadora Márcia

Regina Teles Bovo, que desenvolveu um sistema de filtragem como parte de seu mestrado em Processos Tecnológicos e Ambientais, na Universidade de Sorocaba (Uniso). Ela explica: “Os desreguladores endócrinos químicos estão sendo cada vez mais associados ao aumento da incidência de doenças não transmissíveis, como, por exemplo, doenças da tireóide, obesidade, diabetes e até mesmo alguns tipos de câncer. Vários tipos de desreguladores podem interagir com o sistema reprodutor feminino, causando doenças. Entre os efeitos provocados pode-se citar a puberdade precoce, a síndrome dos ovários policísticos e a falência ovariana prematura. Isso sem contar a mistura no organismo de dois ou mais desreguladores com mecanismos de ação parecidos, o que pode ocasionar efeitos ainda não estudados.”

Há também uma preocupação ambiental, já que, a partir do esgoto, os hormônios vão parar nos rios e se acumulam nos sedimentos e no solo. Eles podem ser assimilados pelos animais, desregulando sua reprodução e seu desenvolvimento — nos peixes, podem induzir características femininas em indivíduos machos, tornando-os estéreis e possivelmente reduzindo populações inteiras à extinção. Mas não é só isso: o acúmulo se dá ao longo da cadeia alimentar, passando de espécie para espécie. E quem é que está no topo dessa cadeia? Se você disse “o ser humano”, o prêmio é seu. Não que seja uma boa notícia, de qualquer forma.

O que fazer, então, já que deixar de consumir água está longe de ser uma opção? Essa é uma pergunta que representa um desafio para as companhias de saneamento em todo o mundo e a pesquisa de Bovo é um passo para ajudar a resolver essa questão. O que ela propõe é um sistema de adsorção com **CARVÃO ATIVADO** de casca de coco, que possa ser escalonado para nível industrial e um dia integrado ao sistema de tratamento convencional de água, para adsorver determinados hormônios.

Em seus experimentos, Bovo considerou dois hormônios sexuais: o 17- α -estradiol e o 17- β -estradiol. O primeiro é utilizado em terapias de reposição hormonal, com o intuito de reduzir os sintomas da menopausa; já o segundo é responsável pelas características femininas

PARA SABER MAIS: O QUE SIGNIFICA CARVÃO ATIVADO?

O carvão foi um dos primeiros materiais utilizados pela humanidade como adsorvente (não confunda com absorvente), para reter em sua superfície determinadas substâncias presentes num fluido (líquido ou gasoso), impedindo-as de seguir adiante. Em outras palavras, foi uma das primeiras formas de filtro. Qualquer material com alto teor de carbono, como é o caso da casca de coco, pode ser transformado em carvão, mas nem todo carvão é ativado. “Durante a ativação, que pode ser física ou química, o carvão é submetido a um tratamento que resulta na formação de poros, fissuras e rachaduras. A capacidade de adsorção do carvão ativado está diretamente relacionada às formas, à distribuição e ao tamanho desses poros, o que faz com que sejam necessários estudos acerca dos compostos a serem adsorvidos e o uso de determinado tipo de carvão para um determinado fim”, explica a pesquisadora. Isso quer dizer que, para garantir que o carvão será capaz de retirar os hormônios da água, é preciso estudar e controlar suas propriedades.

e, dentre os estrogênios, é um dos principais causadores de desregulação hormonal.

“Esses experimentos apresentam a possibilidade de se reduzir o nível residual dos dois hormônios, quando presentes na água, por meio de um sistema idealizado para fazer uso do carvão de casca de coco”, diz a pesquisadora. A vantagem de se usar o carvão é o fato de se tratar de um tratamento de baixo custo, bastante popular, que utiliza resíduos agrícolas normalmente descartados.

Em relação ao escalonamento industrial, o estudo mostra que é possível aplicar a técnica em grandes estações de tratamento, sendo que o volume de carvão a ser utilizado depende, entre outras variáveis, da concentração de hormônios registrada no local de aplicação do projeto. Varia também o tempo que levaria para o carvão se tornar saturado — ou seja, incapaz de continuar filtrando. Nesse momento, o carvão pode ser incinerado e reaproveitado para outros fins.

Segundo a pesquisadora, estudos como esse podem incentivar a população, no Brasil e em outros países, a pressionar os seus governos a criar leis específicas para incluir os níveis toleráveis de hormônios nos parâmetros de aceitabilidade da água potável. Hoje, no Brasil, a portaria nº 2914 do Ministério da Saúde, de 12 de dezembro de 2011, determina alguns parâmetros como cor, turbidez, pH e algumas substâncias permitidas em determinadas concentrações, além de parâmetros microbiológicos, mas não abrange níveis de hormônios. “Análises envolvendo esse assunto ainda se restringem às pesquisas realizadas por instituições independentes e universidades”, Bovo conclui.

Texto elaborado com base na dissertação “Remoção de estrogênios de águas tratadas destinadas ao consumo humano, por adsorção em carvão ativado de casca de coco: estudo de caso com 17- α -estradiol e 17- β -estradiol”, do Programa de Pós-Graduação em Processos Tecnológicos e Ambientais da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação do professor doutor Victor Manuel Cardoso Figueiredo Balcão e aprovada em 24 de setembro de 2018. Com dados adicionais do estudo “A análise das águas residuais e a droga - um estudo multimunicipal europeu”, do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência. **Acesse a pesquisa:**



PESQUISA INVESTIGA RELAÇÃO

ENTRE PERSONAGEM E JOGADOR EM JOGOS NARRATIVOS

REPORTAGEM: Guilherme Profeta
FOTO: Paulo Ribeiro

Planilhas de texto, mapas intrincados, miniaturas de personagens. Dados — muitos dados! — de seis, doze, vinte lados. À primeira vista, um grupo de jovens adultos reunidos ao redor de uma mesa; em suas narrativas compartilhadas, contudo, eles são elfos, anões e magos, juntos numa taverna à meia luz, preparando-se para mais uma caçada.

Antes tido como uma prática restrita a membros desajustados da sociedade, os jogos narrativos vêm hoje ganhando popularidade na cultura pop. Nota-se, por exemplo, suas menções em séries de sucesso como *The Big Bang Theory* e, mais recentemente, *Stranger Things*. Apesar disso, quase sempre essas menções costumam estar limitadas ao RPG de mesa (o jogo de representação de personagens por meio do qual os jogadores normalmente usam dados e fichas de papel para criar suas aventuras), deixando de fora outra possibilidade: o larp, acrônimo para *live action role-play*, ou jogo de desempenho de papéis ao vivo, que exige do jogador não mais do que a sua imaginação e sua corporeidade. Simples assim.

“As limitações e características de cada um dos jogos, seja a narrativa oral do RPG ou a narrativa dramática do larp, faz com que o desenvolvimento de cada um seja distinto. RPGs tendem a tramas voltadas à ação, enquanto larps costumam desenvolver tramas centradas em diálogos. Muitas vezes, o tradicional RPG de mesa se restringe a esse viés de produto — o livro, o dado, a miniatura — deixando em segundo plano o processo, que é a própria sessão de jogo. O potencial dos jogos narrativos está nos indivíduos, e não nesses instrumentos. É por isso que, em termos de pesquisa, o larp se mostra bem mais desenvolvido”, explica o pesquisador Tadeu Rodrigues Luama, que estudou em sua pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), como os jogadores podem (e costumam) projetar suas



O pesquisador Tadeu Rodrigues Luama analisou jogos do tipo RPG e larp em sua dissertação

próprias histórias de vida em suas representações de personagens durante sessões de jogos narrativos.

Tanto como jogador quanto como pesquisador, Luama percebeu que não é incomum que os jogadores de RPG e larp trabalhem durante o jogo questões complexas de suas vidas, como perdas recentes, frustrações e raiva reprimida. Ele acrescenta que, justamente por isso, não raro os jogos narrativos têm sido utilizados como ferramenta devido ao seu potencial terapêutico. Há casos de aplicação, inclusive, em campos de refugiados e outras situações críticas, não só como uma ferramenta para “escapar” de uma situação estressante, mas também como uma forma de gerar empatia entre as pessoas.

“O larp não tem, em si, caráter terapêutico, mas pode ser utilizado por psicólogos para os mais diversos fins: no ambiente escolar, em empresas ou até mesmo na área da saúde. Apesar de não ser uma ferramenta técnica de uso terapêutico específico, é sem dúvidas um recurso possível”, diz a professora doutora Sylvia Labrunetti, coordenadora do curso de Psicologia da Uniso, que já utilizou jogos de larp como psicóloga. Ela faz, contudo, uma ressalva: “Para que seja utilizado com esse fim, é preciso conhecimento técnico e teórico. É possível canalizar alguns jogos

para temáticas muito profundas, mobilizando grupos e indivíduos de modo bastante intenso, por isso é necessário muito aprofundamento para não negligenciar os sentimentos que podem vir à tona.”

Para Luama, independentemente da aplicabilidade, o principal resultado da pesquisa sugere que o personagem pode ser uma metáfora por vezes inconsciente do jogador. “Enquanto nos meus 20 anos como jogador a minha interpretação era de que o jogo narrativo podia ser, em alguma medida, uma fuga da realidade, nos últimos dois anos, como pesquisador, os meus achados sugerem o contrário: o jogo pode ser compreendido como uma maneira de o jogador se encontrar, ao expor conteúdos psíquicos por vezes conscientes, por vezes inconscientes”, conclui.

Texto elaborado Com base na dissertação “Processos comunicacionais nos jogos narrativos: a relação entre o *roleplay* e as histórias de vida dos *players*”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso, com orientação da professora doutora Monica Martinez e aprovada em 18 de outubro de 2016. O livro baseado na dissertação, “O verso da máscara: processos comunicacionais nos LARPS e RPGS de mesa”, da editora Provocare, foi publicado em 2018. **Acesse a pesquisa:**

